



## ENTRE O CLARO E O ESCURO, TEMPOS DE ESPERA E TEMPOS DE AGITO

Rose Mary Gerber<sup>1</sup>

Meu propósito, neste texto, é apresentar algumas considerações sobre os tempos que fazem parte do cotidiano das mulheres de pescadores de sardinha no litoral de Santa Catarina, em especial de Ganchos<sup>2</sup> sendo que me deterei no que podemos denominar de momentos de agito e momentos de repouso que estas mulheres vivenciam e que se pautam pelo que chamam de *claro* ou *escuro* (períodos denominados em relação às fases da lua) para saber quando os seus homens estão em terra e, portanto, quando a vida estará mais ou menos movimentada em função da vinda deles do mar.

Neste contexto em que o tempo é contado a partir da observação das mudanças de luas, a vida destas mulheres se pauta por uma temporalidade fortemente dedicada ao trabalho em casa, ao cuidado com os filhos, às providências necessárias em relação à sua família. Algumas ainda agregam ao seu cotidiano, o descasque de camarão em que passam cerca de oito horas por dia, quando a produção está em alta, trabalhando com outras mulheres da comunidade em pequenos grupos que se formam em torno deste processo de descasque constituindo sociabilidades e solidariedades femininas.

O tempo que rege a vida destas mulheres passa pela vivência ritmada de temporalidades que se pautam por elementos como luas, ventos, marés e que extrapolam, portanto, o tempo linear ditado pelo relógio. Estas temporalidades dizem respeito à solidão, à jocosidade, à solidariedade, à espera e à junção de “coisas de mulher e coisas de homem” na vida destas mulheres da pesca.

### *Entre o claro e o escuro: temporalidades de Ganchos*

Ganchos têm oscilações em seu cotidiano que marcam temporalidades que se mesclam entre idas e vindas que acompanham o ritmo da vida no mar/em terra numa emergente necessidade de se repetir e durar no tempo no sentido que aponta Bachelard<sup>3</sup> quando expõe que a “vida é ondulação [...] há uma emergência ondulatória na vida... entre a matéria e a memória a importância do fator da

<sup>1</sup> Rose Mary Gerber, Doutoranda. PPGAS/UFSC.

<sup>2</sup> Ganchos é o antigo nome de Governador Celso Ramos, município do litoral catarinense, a 50 quilômetros da capital, Florianópolis, em sentido norte. Mesmo com a mudança do nome na década de 1960, por motivos políticos, continua sendo chamado pelos nativos de Ganchos; e quem lá nasce é gancheiro. Tem três localidades centrais mantêm nomes que lhe fazem alusão: Canto dos Ganchos, Gancho do Meio e Gancho de Fora.

<sup>3</sup> BACHELARD, Gaston. A dialética da duração, 1994, p.126-127.



repetição”. O ritmo do cotidiano gancheiro está ligado à pesca, em que os pescadores podem ser artesanais (de camarão e de peixes menores, como a tainha e a corvina) ou industriais (de camarão<sup>4</sup>, de sardinha<sup>5</sup> ou de peixes diversos<sup>6</sup>, e maiores, como atum, cherne, badejo, garoupa). Os artesanais trabalham próximo estando em casa diariamente, e a embarcação, geralmente, é coordenada pelo proprietário. Os industriais são chamados de *embarcados* e vão para Itajaí, Santos ou Rio Grande, ficando longe entre vinte e cinco dias a três meses, aproximadamente, ou mais, dependendo se o barco é de sardinha (traineira), camarão (camaroeiro) ou peixe (parelha).

Sob o prisma feminino, Ganchos se caracteriza por uma oscilação entre períodos de calma (quando os homens estão no mar, ou é inverno, ou não há festas) e períodos de agito (quando é época de defeso<sup>7</sup> e os homens estão *em* terra, quando é verão e as pessoas estão nas ruas, inclusive as mulheres, quando há Farra do Boi, quando há casamento de noiva ou quando há festas comunitárias). Exceto por estas ocasiões, Ganchos é considerado pelos nativos como calmo, tranqüilo, lugar de crianças e mulheres que vivem à espera dos pescadores e regem o cotidiano de suas vidas por uma temporalidade que está conectada diretamente ao ritmo do mar e aos elementos aí interconectados, como luas e ventos<sup>8</sup>. Em relação às mulheres de pescadores de sardinha sobre as quais falo aqui de forma mais enfática, os períodos centrais que aludem ao agito ou a calma são divididos entre claro e escuro.

O claro diz respeito ao período em que a lua está cheia e os pescadores de sardinha vêm em terra. Assim, as idas e vindas dos homens são controladas por suas mulheres, que se orientam pela

---

<sup>4</sup> O maior número de pescadores é de Canto dos Ganchos. O barco é nomeado camaroeiro e possui dois trangones (mastros). Em torno de seis é a composição dos homens que aí trabalham, formando um quadro funcional dentro da embarcação, composta normalmente da seguinte ordem hierárquica crescente: dois tripulantes, cozinheiro, contramestre, motorista, mestre. Varia o período de vir “em terra”, o que pode ocorrer em um mês, dois, três ou mais, dependerá de onde se encontra a pescaria, se a embarcação é, frigorífica, se o mestre (chefe de tripulação) gosta de vir em casa. Ou seja, é um período mais longo e incerto de espera que as mulheres desses pescadores vivenciam. Até mesmo no que se refere à alteração do tempo, apenas quando acontece realmente ‘mau tempo’, como é o caso do vento sul forte, é que esses pescadores ‘entram’ (voltam a terra).

<sup>5</sup> É o tipo de pesca onde a maior incidência é de gancheiros de Gancho do Meio e de Gancho de Fora. O barco denomina-se traineira e possui um só trangone, que é o que sustenta as redes. Neles trabalham durante cerca de vinte e cinco dias no mês, quinze a dezesseis homens. As idas e vindas dos homens são controladas por suas mulheres, que se orientam pela lua para saberem quando os homens estão para chegar. Outro fator que possibilita aos pescadores de sardinha virem ‘em terra’, além do ‘claro’, é o que chamam de ‘mau tempo’, por exemplo, lestadada ou vento sul.

<sup>6</sup> Trabalham com uma só rede dois barcos ‘emparelhados’, lado a lado, com uma tripulação composta por seis homens em cada barco. Poucos gancheiros exercem este tipo de pescaria, a qual não sofre interferência do ‘mau tempo’, sendo que os pescadores demoram mais tempo para vir ‘em casa’; a embarcação é denominada parelha.

<sup>7</sup> Defeso: período que visa à preservação das espécies e que, portanto, exige uma pausa (chamada pelos pescadores de ‘parada’) no exercício da pescaria. Varia o período: por exemplo, se é camarão (fevereiro a maio) ou sardinha (dezembro a fevereiro).

<sup>8</sup> Por exemplo, os pescadores de sardinha vêm em terra uma vez por mês durante a lua cheia (chamado de “período do claro”), enquanto que os de camarão só vêm a cada três meses, aproximadamente, ou quando há vento sul muito forte que impeça a pescaria.



lua para saberem quando os homens estão para chegar. Escuro é o nome atribuído ao tempo da pescaria e que envolve os períodos de lua minguante a crescente. Daí ouvir-se das mulheres expressões e ditados como: ‘A lua está fazendo conta!’, quando é lua crescente e as mulheres imaginam os homens se preparando para vir em casa.

*Composição temporal grancheira: entre agito e descanso*

Fogos, música e movimento, em que o ponto alto das comemorações é a procissão pelo mar. Um barco se encarrega de ser o altar de Nossa Senhora dos Navegantes, enquanto as pequenas embarcações seguem em procissão ‘*É a procissão pelo mar*’. Da terra os que ficam acenam e podem ouvir: *E viva Nossa Senhora dos Navegantes! Vivaaaa!!!* Os santos se misturam nas homenagens. Dia de Nossa Senhora, alusão a São Pedro, afinal se ela é a santa das águas, ele é o padroeiro dos pescadores. Se ela é a santa de Gancho do Meio, ele é o santo de Canto dos Ganchos. E lá vai a procissão rasgando o mar: fogos, barulho, bandeirolas que tremulam e a santa imóvel em seu altar improvisado. Parece exibir um sorriso de ‘Monalisa’ de quem entende que de seus fiéis não é só uma festa em sua homenagem, mas um momento de despedida dos homens que se vão e das mulheres que ficam e que estão a pedir-lhe: ‘*Cuida de mim Santinha*’ ; ‘*Olha pelo meu marido, Senhora*’.

Afora os períodos que se sucedem entre claro e escuro, há momentos que agitam as localidades de Ganchos e que fazem parte da sua composição temporal. Um destes diz respeito ao início do defeso do camarão em que, se os pescadores de sardinha foram, os de camarão chegam. Alvorço das mulheres, principalmente em Canto dos Ganchos. ‘*A partir de agora, a qualquer hora eles chegam*’. Diferente da ida que é silenciosa, a chegada é barulhenta, alegre. Das janelas dos ônibus os pescadores soltam fogos, gritam, chamam atenção: “*chegamos*”. E as mulheres, em casa, se preparam para lhes dar toda atenção. Eles estão em terra. É um período de repouso deles e de agito delas, pois a rotina é alterada com ‘eles em casa’. Vai ser assim até irem novamente, quando o agito passará a ser deles, no mar, e elas terão, de certa forma, um repouso em terra.

O tempo passa, o tempo volta. É mês de abril. Semana Santa que, em Ganchos, é sinônimo de Farra do Boi. É a época de maior agito, euforia, excitação. A aproximação da hora de chegada do boi provoca uma expectativa que faz juntar os homens na pracinha: *Será que vai demorar?* As mulheres, vez por outra, chegam até os portões para olhar o movimento. Falsos anunciantes acionam as buzinas para ver o povo correr e se agitar. Mas, alarme falso, mentira. Ainda não é. E a espera continua às vezes noite adentro. Não raro, se vê morro abaixo a correria de homens



abotoando *shorts* ou calças e as mulheres ajustando melhor os penhoares, pois não querem perder a *soltada* que é um dos momentos de maior emoção. E assim segue noite adentro, dias a fio, a Semana inteira, que culminará no sábado de aleluia com a divisão da carne do boi entre os ‘sócios’ da Farra. Domingo é dia de Páscoa, de comemorar a ressurreição de Cristo. O tempo da Farra é, portanto, um tempo cíclico que não tem data fixa, mas que faz parte de um calendário anual de acontecimentos, o que vai ao encontro do que Da Matta<sup>9</sup>, observou quando em sua análise sobre o carnaval. Como parte do mesmo período que se interliga ao ‘sagrado’, o carnaval anuncia o início da quaresma, enquanto que em Ganchos a Farra do Boi ritualiza o seu término, encontrando seu ápice na Semana Santa.

Outro momento que corta o tempo da calmaria é o ‘casamento de noiva’. A notícia de que alguém irá ‘casar de noiva’ agita a comunidade, pois é algo raro e que instiga a curiosidade sobre que modelo terá o vestido, que maquilagem usará a noiva, como se ‘trajará’ o noivo, como a Igreja será enfeitada, quantos e quais presentes os noivos ganharão, como será a recepção; quem serão os convidados principais e padrinhos, será que vem alguém ‘de fora’? Como todos sabem o horário do casamento, as pessoas enchem a rua por onde a noiva passará para vê-la. Com a proximidade da hora de sua saída de casa para a Igreja, as pessoas vão se agrupando ao longo do itinerário, buscando os melhores lugares para ‘ver melhor’. Com a passagem da noiva, o que se ouve são suspiros de admiração e comentários sobre o quadro que apreciam, os quais, geralmente, podem ser resumidos com a expressão: ‘*Isso é que ela tava linda*’, ou ‘*Aquilo que era vestido lindo*’. E a inevitável pergunta: ‘*Visse? Visse?*’

Mesmo os que não são convidados se aproximam da Igreja para apreciar a *entrada da noiva*, o que proporciona uma mistura de pessoas com roupas e sapatos de  *festa* com outras com roupas do cotidiano e com as familiares sandálias havaianas. Olhando da porta de entrada da Igreja para o altar, o que se vê antes de se vislumbrar a noiva entrando, são contorções de pescoços e alongamentos de ponta de pé para ver e registrar a sua chegada ao altar e, por conseguinte, o encontro com o noivo, momento em que o pai passa a filha para os cuidados de seu futuro esposo. Após todo o agito provocado pelo acontecimento raro do casamento de noiva, o que se segue é mais excitante, pois se constitui no momento de troca-troca de informações, comentários, fofocas sobre quem viu o que: como estava a roupa dos convidados, a noiva, a comida, a Igreja, quem chorou, quem veio de fora; enfim, como foi o que se conseguiu ver. Faz parte ainda desse momento pós-

---

<sup>9</sup> DA MATTA, Roberto. *Carnaval, malandros e heróis*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.



casamento a visita a casa onde a noiva morava antes de se casar (sendo que poderá permanecer na mesma se ainda não tem sua casa própria) para ver os presentes que o casal ganhou.

‘*Fugir*’, ao contrário do casamento de noiva, que tem data e horário pré-definidos e anunciados aos familiares, amigos e população em geral, ocorre preferencialmente à noite, às *escondidas* e em silêncio, sem provocar movimento ou agitação. Consiste na fuga do casal para a casa de algum parente ou amigo, previamente consultado, e que concorde em recebê-los. A partir deste fato passam à condição de *casados*. Após alguns dias, é comum que o casal vá morar com os pais ou sogros até conseguir construir sua própria casa, o que se torna mais difícil devido ao espaço físico cada vez menos disponível em Ganchos.

Dia de São Pedro, padroeiro dos pescadores. As lembranças do passado interceptam as comemorações presentes e os mais velhos buscam nas recordações vividas motivações para que as mudanças presentes não deixem uma data tão marcante para os pescadores, no esquecimento. Neste aspecto, enfatiza Bachelard<sup>10</sup>: “Nosso passado inteiro também vela atrás de nosso presente... estamos ligados a nós mesmos e nossa ação presente não tem como ser descosida e gratuita”. Mesmo com as mudanças que o dia sagrado da festa foi sofrendo, a homenagem ao Santo continua. A Igreja de Canto dos Ganchos é responsável pela festa e de onde São Pedro é o padroeiro. Geralmente as comemorações começam sexta-feira à noite e se estendem até domingo quando culmina com a procissão que, dependendo dos festeiros e do Padre, pode ser pelas ruas da localidade ou marítima. A procissão pelo mar geralmente vai até Gancho do Meio, anunciando com fogos e cantorias a homenagem ao Santo Padroeiro da comunidade vizinha. Quem está em terra acena e gesticula juntando-se aos que estão seguindo de perto o ritual de visita do Santo às outras localidades para, a seguir, retornar ao Canto e ao seu altar, quando somente sairá no mês de junho do próximo ano.

Intercalando estes momentos de agito alegres e festivos, ocorrem momentos de agito permeados de tristeza e dor, que são os velórios. Estes momentos se constituem em grande movimentação, pois todos que podem acorrem ao local para participar do velório do morto o que, às vezes, vira a noite, até o momento do enterro. Os velórios e enterros mais tristes geralmente são de pescadores jovens que morrem em acidente de moto na pressa de chegar em casa.

### *Passagem do tempo: idas e esperas*

---

<sup>10</sup> BACHELARD, Gaston. Op.cit., p.11.



Esperar o tempo passar é assim que, além de uma divisão de espaços e atribuições, Ganchos abriga uma constante ida/volta (dos homens) e a eterna espera (das mulheres). Para os homens é o porto seguro, o lugar de retorno, repouso e festas, é a certeza de ter para onde voltar após a pescaria ou ter onde se abrigar esperando a calmaria nos momentos rebeldes do mar. É o lugar de descanso. O período em que estão em terra é facilmente percebido pelo frufu da comunidade, pelo movimento que, em poucos minutos, transforma a familiar calmaria da pracinha no local de encontro para “passar a lista”<sup>11</sup> e combinar quem vai pegar o boi. Correria de crianças, alvoroço de mulheres: os homens estão em terra.

A espera é, segundo as mulheres de Ganchos, uma mescla de tristeza e expectativa: “A gente enfrenta sabendo que tem que enfrentar essa solidão. É uma coisa triste, a gente se sente muito sozinha, só fica dentro de casa esperando por ele. A gente vive triste, mas ao mesmo tempo contente esperando a volta dele” (Laís). “A gente vive naquela espera, hoje ele não está aqui, mas amanhã pode estar; então é aquela ansiedade porque, de repente, ele pode chegar” (Ana Maria). E, de acordo com Bachelard<sup>12</sup>, “um elemento importante, pois a espera, ao escavar o tempo, torna o amor mais profundo, ela coloca o amor mais constante na dialética dos instantes e dos intervalos... então os acontecimentos ansiosamente esperados se fixam na memória e adquirem um sentido”.

Desta forma, as mulheres vivem um constante ficar, esperar, ansiar. Para elas, a temporalidade está ligada ao ritmo do mar, a exemplo do calendário das frutas ao qual se refere Bachelard<sup>13</sup> ao falar da ritmáanalyse que “*procura em toda parte ocasiões para ritmos*”. Assim, a vida gira com os elementos do cosmos: marés, ventos, luas; e há aí um conflito entre esse ritmo próprio e o outro - o do relógio - pois se em Ganchos a vida se rege por estes ciclos, para que se acompanhe o que acontece *lá fora* através da mídia, por exemplo, é preciso sintonizar no ritmo estabelecido pelo relógio, pelo horário que segue o ritmo de algo que se chama Horário de Brasília - o nacional.

Frente a essa exigência de negociação de diferentes temporalidades, se posso assim denominar, as mulheres se debatem entre o que se exige para que cumpram o que as torna, no meio em que vivem, mulheres ‘*trabalhadeiras e limpas*’ e o que determina que podem ter, ou não, um tempo livre. Desta forma, quando estão com o *trabalho adiantado*, como elas definem, se permitem assistir ao “Vale a Pena Ver de Novo” no período vespertino. Do contrário, se o trabalho está por fazer, está *atrasado*, ou há camarão a ser descascado, ou uma comadre a ser visitada, ou uma missa

<sup>11</sup> Lista é o que comprova quem são os sócios do boi: alguém passa uma folha de papel onde se coloca quem contribuiu e com quanto para comprar o boi. É a chamada ‘lista dos sócios’.

<sup>12</sup> BACHELARD, Gaston. Op.cit., p.50.

<sup>13</sup> BACHELARD, Gaston. Op.cit., p.133.



a ser assistida ou uma ida à cidade... apenas no período noturno a mulher se permite *assistir* o que os meios de comunicação lhe oferecem. Entre a temporalidade que ritmiza o cotidiano de Ganchos e a marcação do horário registrado cronologicamente, há uma intersecção onde um perpassa e é perpassado pelo outro. São diferentes formas de marcar o tempo, mas que se interceptam no dia-a-dia e se sedimentam na vida de Ganchos. Leach<sup>14</sup>, discerniu bem esta diferenciação ao falar sobre um tempo “*cronos e um tempo crono*”, onde um se refere ao cíclico da vida, às sucessivas épocas que a compõem, e o outro ao cronológico que, no cotidiano atual, a marca.

É interessante notar que quando os períodos de agito ou calma ocorrem no que diz respeito à época em que os pescadores estão em terra ou no mar, ganham significados diferentes para eles ou para elas. Assim sendo, quando *elas estão em terra* estão para descansar, relaxar, encontrar os amigos nos bares ou na farra do boi, se for época. Por outro lado, o que é período de calma para eles, para as mulheres é justamente o contrário, é o saragasso<sup>15</sup>, pois com eles em terra todas as atenções se voltam para os mesmos levando as mulheres a mudarem suas rotinas em função desta presença que costuma ser tão ausente.

Aqui acredito que faça sentido me remeter a Segato (1998) quando diz que “o gênero não seja exatamente observável, pois se trata de uma estrutura e, como tal, tem um caráter eminentemente abstrato que se transveste de significantes acessíveis aos sentidos, mas que não se reduz nem se fixa a este”. Neste aspecto, me parece que, no contexto ao qual faço alusão, o gênero não se mostra escancaradamente, de forma observável à primeira vista, mas está sutilizado em uma mixagem que alia diferentes temporalidades que falam de agitos e de repousos, mas também de negociações de poder que se afastam ou se aproximam de acordo com a relação homem/mulher da pesca. O gênero, assim, não é exatamente observável, mas se mostra nas sutis relações entre homens e mulheres e nas implicações de poderes aí sutilmente alocadas.

Se os homens vivem a maior parte do tempo no mar, são elas que se encarregam dos afazeres em terra, “seja coisa de homem ou de mulher”, o que exige concentração, cuidado, domínio e autonomia para fazer, decidir, escolher o que for “melhor para sua família”. Assim, as mulheres estabelecem entre si momentos de sociabilidades como, por exemplo, as que descascam camarão ou participam dos demais processos de limpeza de pescados, como evisceração de peixes e desconchamento de mariscos, o que exige algumas ou muitas horas por dia, dependendo o ritmo da produção. Ali elas trocam segredos, fofocas e tecem suas redes de solidariedade.

<sup>14</sup> LEACH, Edmund R. Cronos e Crono. In: *Repensando a Antropologia*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p.192-202.

<sup>15</sup> Expressão nativa usada para se referir aos períodos de bagunça, agitação, movimento. Daí ouvir-se: “Eles estão em terra, virou um saragasso”.



Outra observação que me parece interessante enfatizar é que estas mulheres dificilmente conseguem ter um tempo para si mesmo, mantendo momentos de isolamento ou privacidade. Como bem diz Rosaldo (1979, p. 44), “as vidas femininas estão marcadas por não haver privacidade nem distância. Estão envolvidas e sujeitas às exigências da interação imediata. As mulheres, mais do que os homens, precisam responder às necessidades daqueles em torno dela”. Assim, estas mulheres estão sempre em volta com filhos, comadres, trabalhos em igreja, velórios, limpeza de pescados, confecção de crivo, entre outras atividades, geralmente em grupos de mulheres nos quais constroem sociabilidades coletivas pautadas por uma cumplicidade feminina que só elas podem respaldar.

### *Tempo e memória no aprendizado de saberes e fazeres*

A aprendizagem do fazer-se mulher da pesca passa por tornar-se hábil em assumir o que é do masculino, se posso assim dizer, mas também por relações inter e intrageracionais em que as mais velhas ensinam seus segredos às mais jovens, e estas lhes apresentam novidades. Mães, avós, vizinhas, comadres, cunhadas, são as que ensinam os diferentes saberes e fazeres, nos termos em que especificou DeCerteau (1997)<sup>16</sup>. Neste sentido dos aprendizados que passam por relações inter e intrageracionais, a cozinha é um espaço privilegiado de encontros e de trocas entre as mulheres, pois ali se aprende a limpar, eviscerar, descascar, preparar tudo o que identifica o mundo da pesca, seja internamente, ou para quem lá chega: a culinária. O saber fazer o pescado<sup>17</sup> é uma habilidade que deve ser aprendida, mesmo por aquelas que “hoje querem ir para fora. Mesmo que não fique aqui, tem que saber fazer, onde se viu alguém do mar não saber fazer um peixe!” (Joseli). O que para os *de fora* teria truques, para elas é visto como muito fácil: “Não tem segredo não boba. O segredo é só na base do sal. Peixe é assim: quanto mais simples, melhor” (Afrodite). Estes segredos são pautados por uma memória que é passada entre as mulheres. Ao mesmo tempo em que busca no passado as sutilezas de seus segredos aponta para o ser mulher da pesca.

A memória transmuta-se. Conforme nos diz Durhand (2002) “a memória permite um desdobramento dos instantes e um desdobramento do presente; ela dá uma espessura inusitada ao monótono e atual escoamento do devir, e assegura nas flutuações do destino a sobrevivência e a perenidade de uma substância”. Desta forma, a perenidade da mulher da pesca passa por processos simultâneos de (re)criação, de lembranças, de buscas no passado e entrelaçamentos no presente. A

---

<sup>16</sup> DECERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Artes de Fazer. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.  
DECERTEAU, Michel; GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano*. 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.

<sup>17</sup> Pescado aqui envolve tudo o que diz respeito a este mudo: peixe, camarão, siri, lula, polvo, etc.



“a memória é poder de organização de um todo a partir de um fragmento vivido. A memória – como imagem – é essa magia vicariante pela qual um fragmento existencial pode resumir e simbolizar a totalidade do tempo reencontrado” (Durhand, 2002). A partir dos fragmentos de intersecção de temporalidades, estas mulheres constroem seu tempo vivido e suas formas de saber e de fazer, de conviver com a passagem e com as idas e voltas do tempo.

### *Bibliografia*

BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

DAMATTA, Roberto. *Carnaval, malandros e heróis*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

DECERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Artes de Fazer. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

DECERTEAU, Michel; GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano*. 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1997.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Introdução à arquetipologia Geral. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LEACH, Edmund R. Cronos e Crono. In: *Repensando a Antropologia*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p.192-202.

ROSALDO, Michelle. *A mulher, a cultura e a sociedade: Uma revisão teórica*. In: Rosaldo, M. e Lamphere. *A Mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SEGATO, Rita Laura. *Os percursos do gênero na antropologia e para além dela*. Brasília: Série antropologia, 1998.